

Sindicalistas que acompanhavam Gildo negam ser donos da arma apreendida no carro e que, segundo as investigações, teria sido usada para atingir o carro dos policiais. É o que conta a única testemunha presente no local

Revólver sem dono é prova no inquérito

Da Redação

Na versão dos policiais, foi Gildo quem disparou primeiro. Ele teria atirado nos agentes na altura da entrequadra EQNM 19/21, ao fazer um retorno. Ao primeiro ataque, os agentes reagiram com tiros de revólver e pistola. Foram dezessete ao todo. Os disparos se alojaram no porta-malas do veículo. Outros três acertaram o compartimento onde fica guardado o pneu reserva. O pneu dianteiro esquerdo do veículo também foi atingido. Mas apenas um dos tiros atravessou a lataria do carro, passou pelo banco traseiro e acertou o sindicalista pelas costas, na altura do tórax esquerdo.

Ferido, Gildo parou o carro. Os policiais colocaram-no no veículo que ocupavam (um Santana, segundo eles; um carro vermelho, segundo os colegas de Gildo) e levaram-no para o Hospital da Regional de Ceilândia (HRC). De acordo com a direção do hospital, Gildo deu entrada na emergência à 1h30. Do pronto-socorro, Gildo foi levado para a sala de cirurgia, onde morreu às 2h40. O tiro provocou um choque hipovolêmico (hemorragia interna).

O corpo foi liberado ontem, às 9h30, e encaminhado ao Instituto Médico Legal (IML) para exame cadavérico.

No porta-malas do carro de Gildo, de acordo com o delegado-chefe da 15ª DP, João Emílio Ferreira, foram encontrados dentro do carro um estoque (arma branca de fabricação caseira), um cigarro de maconha fumado e um pouco da droga. Além de um revólver calibre 38 da marca Rossi (numeração AA 746409), também dentro do Apollo. Na carteira de Geraldo Rufino foram apreendidos cinco folhas de cheques de terceiros. Uma delas, no valor de R\$ 373,10, estava assinada. As demais estavam em branco. Geraldo tem passagem pela polícia por furto, em 1985, mas já cumpriu cinco anos de pena em liberdade condicional.

Geraldo Rufino e Edson Sampaio, os sindicalistas que acompanhavam Gildo, negam ser donos da arma que a polícia garante ter achado no Apollo. Eles negam também que a arma estivesse em poder de Gildo.

A história de perseguição e de morte do trabalhador é confirmada por apenas uma testemunha que estava no local onde Gil-

Carlos Vieira



ISMAEL: ÚNICA TESTEMUNHA DO CRIME AFIRMA TER VISTO, A UMA DISTÂNCIA DE 500 METROS, O SINDICALISTA ATIRAR PRIMEIRO NOS POLICIAIS

do tombou baleado. É o entregador Ismael Nascimento Bispo, 32 anos, que disse morar em Ceilândia. Ele afirmou que lanchava em um quiosque por volta de 1h, na entrequadra 19/21 e teria visto os dois carros em alta velocidade. O segundo veículo, um Santana de cor cinza — bem diferente do carro vermelho que Edson e Geraldo dizem ter visto —, tinha um *rotolight* e sirenes ligados.

Segundo Ismael, os veículos foram até a altura da QNM 21, onde fizeram um retorno na pista. Nesse momento, de acordo com a testemunha, Gildo efetuou três disparos contra os policiais, que revidaram com dois tiros para o alto. O Santana cinza tinha a marca de um tiro que penetrou a lataria e outras de balas

que ricochetearam. A luz dianteira estava quebrada.

Como o sindicalista continuou fugindo, os policiais civis voltaram a disparar. Só que, agora, em direção ao Apollo. “Tenho certeza: os três primeiros tiros partiram do motorista do Apollo”, afirmou Ismael, categoricamente, ao **Correio**. “Em seguida, deu para ver que os policiais atiraram para o alto. Como ele não parou, atiraram no carro. Vi pelo menos umas 12 marcas de bala no porta-malas.”

Ismael afirmou ainda que ajudou aos policiais a colocar Gildo no Santana cinza da Polícia Civil. Os mesmos policiais pediram-no que vigiasse o Apollo enquanto socorriam o sindicalista ao HRC. Mas voltariam para pegá-lo e levá-lo à 15ª Delegacia de Polícia

para prestar depoimento como testemunha. “Depois, eles voltaram e fomos para a DP. Outros policiais ficaram lá no local”, contou o entregador. Ele só foi liberado por volta das 5h40 da manhã.

Ismael conta que estava no lugar certo, na hora certa, por coincidência. Ele diz que estava voltando à Ceilândia depois de uma semana fora. Teria passado uns dias na casa do irmão, no Recanto das Emas, “resolvendo uns assuntos”. Ele diz que, ao retornar, não conseguiu dormir no quarto de fundos onde está morando de favor, há sete meses. Ele teria esquecido as chaves no quiosque onde comeu o sanduíche e não teve como entrar na casa. “Deixei as chaves com o dono do quiosque e, quando voltei pra

buscar, já estava fechado”, conta. Mas o dono do quiosque disse ter fechado o estabelecimento antes de Ismael ir lá.

A testemunha disse que só viu apenas a arma usada por Gildo dentro do carro. Mas não viu o estoque nem o pacotinho com o cigarro de maconha encontrados, segundo a polícia, no porta-malas do Apollo. “Vamos instaurar inquérito e apurar todas as questões. Vamos também procurar mais testemunhas que tenham visto a troca de tiros”, anunciou o delegado João Emílio, da 15ª DP. “Minha preocupação é que vocês (a imprensa) estão querendo passar uma imagem de que a polícia matou um sindicalista. Os policiais não sabiam que ele era do Salub, muito menos sindicalista.”